



Projeto “Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no semiárido como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas” do Programa Inova – Encomendas Estratégicas Saúde Indígena da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Coordenação do projeto: André Monteiro do Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat/Fiocruz-PE), Marina Fasanello do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe/ENSP/Fiocruz), em parceria com Marcelo Tingui do Território Indígena Tinguí-Botó/AL e Kleber Xukuru do Território Indígena Xukuru do Ororubá/PE, e a colaboração da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo/Apoimne.

Relatório das ações no território Tinguí-Botó, Feira Grande, AL

Frente de pesquisa Território que cura:

Identificação da equipe

Marcelo Campos - Tinguí-Botó

Jairã - Tinguí

Marina Fasanello – FIOCRUZ

Saulo Luders Fernandes - IP/UFAL

Rafael Ricardo Vasconcelos da Silva – LECEB/CECA/UFAL

Wellington - Tinguí

Lucivanio - Tinguí

Lucitânio - Tinguí

Eré - Tinguí

Maxuel - Tinguí

Natan - Tinguí

Apresentação

As atividades no Território Tinguí-Botó abordaram os saberes e práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais, como base para ações de conservação biocultural e diálogos interculturais em saúde em diálogo com as práticas de cuidado produzidas no território. Nesse relatório são delineados objetivos específicos, os métodos de coleta e análise empregados e os principais resultados alcançados. Também é apresentado um modelo de material didático/informativo (caderno) a ser construído para utilização *na comunidade que irá abordar o uso das plantas medicinais, sua importância para o modo de vida* Tinguí-Botó e a sua conservação biocultural.

Objetivos

Geral: Registrar saberes e práticas relacionadas às plantas medicinais na comunidade como apoio ao planejamento e realização de ações para conservação biocultural e diálogos interculturais em saúde;

Específicos

(1) Conhecer espécies prioritárias para ações de produção de mudas, plantios em áreas de restauração florestal e introdução em farmácia viva;

(2) Gerar informações para elaboração de material didático (caderno) para uso da comunidade, em ações educativas junto às crianças e adolescentes da Aldeia;

(3) Conhecer as relações da comunidade com o território medicinal.

Metodologia

Para a coleta de informações sobre o uso de plantas medicinais no Território Tingui-Botó, foi conduzida uma oficina de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), empregando a ferramenta "Matriz de critérios". A oficina foi realizada no dia 30 de maio de 2023, tendo como facilitadores Rafael Vasconcelos (UFAL) e Saulo Fernandes (UFAL), contando com participação de seis membros do povo Tingui-Botó (Marcelo, Lucivânio, Lucitânio, Maxwell, Wellington, Eré). A oficina de DRP foi realizada seguindo uma sequência de passos previamente planejados e discutidos entre a equipe do projeto:

1º) Listagem Livre das Plantas Medicinais: Inicialmente, os participantes foram convidados a listar livremente as plantas medicinais que consideravam mais importantes para a comunidade. Essa etapa possibilitou a coleta inicial de uma ampla gama de informações sobre os conhecimentos e usos locais de plantas medicinais.

2º) Seleção e Ranqueamento das Dez Plantas Mais Importantes: Em seguida, os participantes foram solicitados a selecionar e classificar as dez plantas que consideravam mais significativas entre aquelas listadas anteriormente. A pergunta orientadora foi: "*Se tivessem que escolher apenas uma dessas plantas para que nunca falte na comunidade, qual delas seria?*". Essa abordagem permitiu a identificação das espécies mais valorizadas e essenciais para a comunidade.

3º) Preenchimento da Matriz de Critérios: Finalmente, os participantes preencheram uma matriz elaborada com critérios previamente discutidos e definidos em conjunto com as representações da comunidade. Esses critérios incluíam eficácia, riscos de efeitos adversos, quantidade no território, risco de dano à planta durante a coleta, facilidade de cultivo/produção e velocidade de crescimento. Essa etapa possibilitou uma avaliação mais sistemática e objetiva das plantas medicinais, levando em consideração diferentes aspectos relevantes para sua conservação e uso sustentável.

Para a análise das respostas coletadas, foi desenvolvido um índice de prioridade para ações de conservação. Este índice levou em consideração as notas atribuídas pelos participantes a cada critério, utilizando uma escala Likert de 1 a 5. Para o cálculo do índice, foi adotada uma abordagem que considerou a relação inversa das notas atribuídas, com exceção do critério de eficácia, onde a maior nota representou a maior eficácia percebida. O valor do índice foi calculado como a razão entre a maior pontuação possível e a pontuação obtida para cada critério. Resultados mais próximos de 1,0 indicaram uma maior prioridade da espécie para ações de conservação biocultural.

Neste dia de trabalho também foi realizada uma guiaça pelo território com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a história da aldeia, passando pela casa de algumas lideranças e pajé, bem como uma caminhada pela mata para o reconhecimento das plantas locais. Esta guiaça possibilitou a abertura para outras formas de produção de saberes a partir das caminhadas como método capaz de trazer a realidade a partir da experiência com a terra indígena.

No dia 19 de dezembro de 2023, ocorreu uma visita de retorno à comunidade Tingui-Botó. Durante essa visita, foram apresentados os resultados das análises dos dados coletados durante a primeira oficina realizada. Além disso, foi conduzida uma roda de conversa dedicada à planta "imburana-de-cheiro", na qual foram discutidas suas características, experiências de usos e manejo no contexto local e importância para a comunidade. Nessa ocasião, também houve a doação de sementes dessa espécie, visando promover ações de produção de mudas.

Após a discussão sobre a "imburana-de-cheiro", os participantes foram convidados a expressar suas relações e perspectivas sobre o território por meio de desenhos. Esses desenhos serviram como ponto de partida para uma roda de conversa mais ampla, intitulada "*Os Territórios Indígenas como Territórios Medicinais*". Nessa discussão, foram abordados temas como a relação entre a terra e as práticas medicinais tradicionais, destacando a importância das memórias, dos afetos e do território como fonte de conhecimentos sobre os múltiplos significados dos chamados recursos medicinais.



Figura 1. Registros de atividades realizadas no Território Tingui-Botó, Feira Grande, AL, 2023.

Resultados

Uso de Plantas Medicinais no Território Tingui-Botó

Os participantes da pesquisa elaboraram uma lista contendo 32 espécies vegetais consideradas de destacada importância medicinal para a comunidade em estudo. Após esta etapa inicial, os participantes foram solicitados a classificar as dez espécies que consideravam mais relevantes dentre aquelas listadas. Inicialmente, os Tingui-Botó salientaram para os facilitadores a concepção de que todas as formas de vida e de existência no território, tanto materiais quanto imateriais, são consideradas sagradas dentro da cultura local. Após um debate construtivo, os participantes chegaram a um consenso sobre as dez plantas reconhecidas como indispensáveis para a preservação e manutenção da cultura, dos modos de vida e da espiritualidade da comunidade.

A espécie identificada como de maior importância pelos participantes foi o ouricurizeiro, seguido pela jurema, catingueira, cansação, imburana de cheiro, velandinho de cheiro, cravo-rosa, quina-quina, cajueiro vermelho e aroeira roxa, respectivamente. Durante o processo de identificação, foram registrados os atributos terapêuticos de cada planta, incluindo a parte utilizada, as indicações para tratamentos, o modo de preparo, a eficácia e os potenciais riscos associados (efeitos adversos). Adicionalmente, foram coletadas informações relacionadas à conservação e ao manejo local das espécies, como a disponibilidade no território, o risco de dano durante a coleta, a facilidade de cultivo/produção e a velocidade de crescimento. O conjunto de dados obtidos ao longo da oficina de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) está disponível para consulta na Tabela 1.

Destaca-se que a espécie "imburana de cheiro" foi a única indicada como ausente no território. De acordo com os participantes, tanto as sementes quanto a casca dessa planta são utilizadas para fins medicinais, sendo a coleta associada a um risco mínimo de danos à espécie (nota 1 na escala Likert). Além disso, os participantes relataram alta eficácia no tratamento de dor de cabeça (nota 4) e febre (nota 5) com o uso dessa planta. No que se refere ao manejo local, observa-se que a imburana de cheiro apresenta baixa facilidade de cultivo/produção (nota 1) e baixa velocidade de crescimento (nota 1). Estes dois últimos atributos podem ser interpretados como indicativos de que as ações de conservação dessa espécie demandarão esforços a longo prazo.

Após a análise dos índices de prioridade para ações de conservação biocultural, constatou-se que o critério "quantidade no território", seguido pelo "risco de dano à planta durante a coleta", exerceram maior influência sobre os resultados de priorização. A Tabela 2 apresenta os resultados do ordenamento das espécies de acordo com seus respectivos índices de prioridade para ações de conservação.

A espécie Ouricurizeiro, eleita pelos participantes como a mais relevante dentre as dez espécies medicinais selecionadas, exibiu o segundo maior índice de prioridade para conservação. Esse resultado reforçou a posição proeminente dessa espécie como primordial para as iniciativas de preservação. Entre as dez espécies mencionadas, oito são lenhosas e nativas da região, sendo sete de hábito arbóreo e uma palmeira. De acordo com os participantes, o cultivo dessas espécies geralmente apresenta uma dificuldade de nível intermediário, assim como a velocidade mediana de crescimento

Tabela 2. Ordenamento das plantas medicinais citadas segundo o índice de prioridade de conservação biocultural. Território Tingui-Botó (Feira Grande, AL).

Planta	Índice
Imburana de cheiro	1,00
Ouricurizeiro	0,90
Cravo-rosa	0,83
Cajueiro vermelho	0,83
Aroeira roxa	0,80
Quina-quina	0,77
Catingueira	0,73
Velandinho de cheiro	0,70
Cansação	0,53
Jurema	0,50

A parte mais utilizada das plantas medicinais foi identificada como sendo a casca, com 37,5% das citações, seguida pela flor (18,75%) e pela raiz (12,5%). É relevante ressaltar que a coleta dessas partes demanda a adoção de boas práticas de manejo, visando à sustentabilidade do ecossistema. No entanto, segundo a percepção dos participantes, a coleta apresenta um baixo risco de danos para a maioria das espécies.

Dentre as espécies listadas, aquelas com maior potencial para plantio em áreas reservadas para o projeto da farmácia viva são as espécies Cansação e Velandinho de Cheiro, principalmente devido ao seu porte reduzido e rápido crescimento. A identificação dessas espécies como ideais para o projeto reforça a importância de considerar não apenas os aspectos terapêuticos, mas também os aspectos práticos e de viabilidade na implementação de ações de conservação.

Além das atividades realizadas nas oficinas, uma “guiança” (turnê guiada) foi conduzida no território em companhia de especialistas locais. Durante essa excursão, os Tingui-Botó puderam compartilhar informações sobre locais de importância e histórias relevantes do território, ao mesmo tempo em que destacaram exemplares da biodiversidade local. Durante a jornada, algumas das espécies identificadas como as mais importantes para a comunidade foram apresentadas. Além disso, foram observadas árvores consideradas raras ou pouco conhecidas na região, como a *Ruprechtia laxiflora* (Polygonaceae) (Figura 2), conhecida como “marmeleiro-bravo” em outras localidades, mas que ainda não havia recebido uma denominação local. É importante mencionar que não foi possível coletar amostras botânicas para identificação e arquivamento em herbário, uma atividade que deverá ser realizada em oportunidades futuras visando o enriquecimento do conhecimento sobre a flora local.



Figura 2. *Ruprechtia laxiflora* (Polygonaceae) no território Tingui-Botó. Feira Grande, Alagoas, 2023.

Tabela 1. Matriz de usos e conhecimentos sobre plantas medicinais. Território Tingui-Botó (Feira Grande, AL).

Planta	Parte usada	Indicações (tratamentos)	Preparo	Eficácia	Riscos (efeitos adversos)	Quant. no território	Risco dano a planta na coleta	Facilidade de cultivo/ produção	Velocidade cresc.
Ouricurizeiro	Folha (palha) Fruto	Olho irritado	Colírio	4	1	1	1	3	1
Jurema	Flor Casca	Anti-inflamatório	Molho (banho) Chá	5	5	5	1	5	4
Catingueira	Folha Casca	Dor de barriga	Chá, molho Molho, chá	5	1 – banho 4 – chá	4	1	4	3
Cansação	Raiz Flor	Inflamação rins Febre	Chá	4 5	3	2	5	3	5
Imburana cheiro	de Semente Casca	Dor de cabeça Febre	Incenso Chá	5 4	1 2	Não tem	1 4	1	1
Velandinho cheiro	de Planta inteira	Febre infantil	Chá, molho (banho)	5	1	1	5	2	5
Cravo-rosa	Flor Raiz	Anti-inflamatório (interno)	Chá, molho (banho)	5 5	1 1	1	3	2	3
Quina-quina	Casca	Enxaqueca Sinusite Diabetes	Molho Banho (só cabeça, inspira)	5 3 3	5 1 5	2	3	1	3
Cajueiro vermelho	Casca	Gastrite Cicatrizante	Chá Molho (banho)	5 5	1 3 – chá	1	3	2	3
Aroeira roxa	Casca	Cicatrizante	Molho, chá	4	1 3 – chá	2	1	3	3

Os Territórios Indígenas como Territórios Medicinais

Este encontro teve o objetivo de trazer a discussão sobre as relações dos Tingui-Botó com o território enquanto lugar medicinal, mas de uma medicina que está para além do humano e para além do corpo. O território medicinal é compreendido pelos Tingui-Botó como espaço de cuidado com a terra, com os animais e com os viventes do lugar. Espaço no qual estão enraizados seus modos de viver, suas histórias, narrativas ancestrais e sua espiritualidade.

Para realização da roda de conversa foram solicitados que os participantes fizessem desenhos de algo que remetesse ao território Tingui-Botó e suas formas de cuidado. Foram produzidos quatro desenhos: o primeiro que descreveu os saberes e conhecimentos da Vitória Régia, planta que purifica e mantém água para a vida da aldeia. Junto com ela foi desenhado também o Xique-Xique, conhecido também por mandacaru, planta presente no cenário do semiárido brasileiro, que tem seus mistérios encantados para o povo Tingui-Botó. Na discussão desse desenho foi levantado a importância da água para o território e das tecnologias de convivência dos Tingui-Botó com o semiárido a partir das plantas que fazem do lugar espaço de vida e de moradia. Há toda uma ciência da mata narrada junto com os animais e as plantas que vivem no lugar, como: a ciência da Abelha, a ciência da Vitória Régia e a ciência do Xique Xique; o segundo desenho apresentou a Serra onde tudo começou, onde a vida dos Tingui se iniciaram. Esta Serra hoje não encontra-se como parte do território indígena, apesar de sua importância espiritual, cultural e histórica para o povo. Ela é parte das terras do fazendeiro local. É nela que é contada a origem dos Tingui, dela que sai a nascente que nutre o Rio Boiacica, que banha a comunidade e depois vai desaguar no São Francisco. A Serra em sua origem era pura mata, lugar sagrado, hoje encontra-se como espaço de pasto. Como nos disse um dos participantes, que o seu olhar vê a serra como um horizonte de luta para o futuro do povo Tingui; o terceiro desenho nos apresenta a velha Jurema Sagrada, planta ancestral de poder para os povos indígenas do nordeste. Quem a desenhou também a narra como a árvore da vida, uma mãe cuidadora do território e dos ancestrais. Nela reside a morada da cura, do fortalecimento espiritual e do abrigo para outras andanças pelo mundo; o quarto e último desenho remete a vida da aldeia, as casas com os parentes próximos, a fogueira que sempre se mantém acesa para fazer uma assado, aquecer-se da noite e para as contações de histórias e de causos. Na figura também se apresenta os ancestrais, os parentes troncos velhos dos Tingui-Botó que ditam e guiam os caminhos da aldeia. Há também a presença dos cachorros, aliados diários da vida cotidiana dos Tingui, que os têm como grandes amigos para caça, para as trilhas nas matas, para o descanso e a companhia. E por fim a grande Cajazeira, árvore que guarda um grande segredo do povo Tingui-Botó, principalmente pelo seu zelo com o lugar e o conforto de sua grande sombra. Nela são feitas reuniões, encontros, chegadas e partidas. Um local que cruza os caminhos da vida Tingui.

Após os desenhos realizados, foi solicitado que os participantes pudessem compor um desenho comum, colando um desenho ao outro. A produção deste desenho coletivo segue na figura 3 abaixo. Sobre os desenhos foi pedido que contassem uma história dele, sobre o que ele remetia, o que poderia ser narrado neste encontro. Neste momento os integrantes pediram para que um deles contassem a história, que sabiam que ele poderia amarrar bem essas partes que falam do modo de vida Tingui-Botó e o seu território medicinal. Então a

história foi narrada, começando pela compreensão que o desenho fala de vidas em ciclos que não se rompem, que sempre se iniciam. Junto com a contação da história foi se desenhando a rama de planta que percorreu todos os desenhos ligando suas experiências e vivências. Além da rama vegetal, o Rio Boiacica também correu entre as páginas desenhadas, saindo de sua nascente na Serra sagrada, passando pela Jurema, banhando a aldeia e se encostando na Vitória Régia e no Xique Xique.

A narrativa inicia com a Serra sagrada, onde tudo teve seu início, a presença viva das matas Tingui-Botó, a nascente da espiritualidade Tingui, que faz sua passagem pela nascente do rio e banha as raízes da Jurema, planta mãe que abençoa o povo com sua sabedoria, planta que brota das raízes às folhas. A rama ganha força e folhagem no contato com a Jurema e sua ciência sagrada. Da espiritualidade da Serra e com a Ciência da Jurema Mãe é que de suas raízes brota o povo e a aldeia Tingui, com seu modo de vida enraizado na terra, no cultivo de toco, nas conversas na fogueira, nas alianças com os animais, na sombra da cajazeira, na oralidade como passagem de conhecimentos entre os ancestrais e os que aqui habitam a terra Tingui. As suas vidas se encontram com as vidas vegetais que fazem do território terra de cura, modo de vida atravessado pelas experiências medicinais que também são vivências espirituais. Estar na terra é estar com os que nela viveram, aliados junto com as ciências da Mata, do Rio e da Serra sagrada.



Figura 3. Produto final dos desenhos para a contação de histórias

As narrativas suscitaram três temáticas centrais para se pensar as práticas de cuidado no território Tingui-Botó: 1. **o território como espaço medicinal**, na compreensão de que as práticas de cuidado não estão restritas a uma compreensão de saúde fadada aos humanos e a sua corporeidade, mas ela se espalha pela terra e pelos viventes que nela habita; 2. **o cuidar do território como cuidar das memórias, histórias e narrativas do lugar**, que afirma que zelar o lugar que vivemos é cuidar de suas histórias, vivências e experiências. Nela reside uma das formas sagradas que tem a capacidade de acessar as ciências ancestrais. Narrar é entender-se enquanto povo e um povo não vive só ele tem seu lugar e seus pés enraizados na terra e por aqueles que nela

percorreram; 3. **o modo de vida Tingui-Botó como prática medicinal e cuidado com a terra**, que traz o entendimento de que o modo de vida Tingui é uma forma de viver que busca o cuidado como prática cotidiana, desde o cultivo da terra, aos ritos espirituais, ao cuidado com o corpo, as relações com as plantas e os animais. O modo de vida Tingui faz a natureza brotar em terra que antes era pasto, faz das matas a restauração da vida com a natureza e pede a ela que retorne com suas ciências e aprendizados. Estes temas serão diretrizes para a construção do caderno educativo que é um dos produtos destas atividades no território Tingui-Botó.

Caminhos para construção do caderno

Para a construção do caderno educativo destinado à comunidade, foram realizadas reuniões e conversas entre os participantes do projeto, visando definir tanto o formato quanto o conteúdo do material. Nessas discussões, ficou estabelecido que o caderno apresentará a trajetória dos diálogos interculturais que culminaram em sua elaboração através do Projeto Narrativas Indígenas. No caderno as discussões suscitadas nos encontros e as temáticas dele derivadas serão apresentadas e sistematizadas. Quanto à identidade visual, será desenvolvida por um profissional a partir das expressões e representações desenhadas pelos membros da comunidade Tingui-Botó.

Em relação à estrutura do caderno, foi recomendado que seja iniciado com o tópico "*Por que conhecer essas árvores?*", apresentando as narrativas locais sobre a importância das plantas medicinais para a manutenção das tradições da comunidade Tingui-Botó. Conforme sugerido por Marcelo Campos Tingui, a apresentação poderá começar com a história de luta e resistência do povo Tingui, que é nomeado em homenagem a uma árvore nativa da região. Em seguida, o material apresentará o tópico "*Como usar o caderno*", explorando suas aplicações nos sistemas de saúde e sua capacidade de potencializar atividades já realizadas na comunidade.

Adicionalmente, serão apresentados tópicos específicos para cada uma das espécies listadas durante a oficina participativa. Esses tópicos podem incluir:

- Descrição da espécie: nomes (locais e científicos), biomas, distribuição geográfica, entre outros aspectos relevantes.
- Saberes e usos tradicionais: histórias e narrativas associados à planta, aplicações medicinais na comunidade, técnicas de preparo, percepções de eficácia e riscos.
- Importância cultural: Conexões culturais e simbólicas da planta com a comunidade, tradições e práticas relacionadas ao seu uso.
- Conservação e manejo: indicação de boas práticas de manejo, coleta e cultivo, estratégias para preservação da espécie.
- Atividades educativas: Sugestões de atividades práticas e educativas para crianças e adolescentes, visando promover o conhecimento e o vínculo com as plantas medicinais.

Esses tópicos servirão como guias para a elaboração do conteúdo do caderno, proporcionando uma abordagem abrangente e informativa sobre as plantas medicinais da região Tingui-Botó.

Roteiro de ficha das espécies no caderno intercultural

Nome local da planta

Nome científico – família

História das relações com a planta

Bioma / distribuição geográfica

Parte usada

Indicações (tratamentos)

Preparo

Eficácia

Riscos do uso (efeitos adversos)

Quantidade no território

Risco dano a planta na coleta

Indicação de boas práticas de manejo

Prioridade de conservação no território Tingui-Botó:

Forma de cultivo/produção

Velocidade crescimento

Foto da árvore/planta

Foto da
parte usada

Foto para
reconhecimento

Considerações finais

Os membros da comunidade Tingui-Botó demonstram um compromisso profundo e efetivo com as práticas culturais e terapêuticas associadas às plantas medicinais. Para eles, essas plantas são consideradas elementos intrínsecos ao seu território, que é compreendido como um todo integrado e funcional, onde a dimensão medicinal está entrelaçada com a identidade e a vida cotidiana da comunidade. A luta contínua da comunidade em defesa do seu território, das tradições culturais e da biodiversidade local se manifesta por meio da proteção e da disseminação do conhecimento tradicional, assim como da preservação dos recursos naturais presentes na região, com uma participação ativa e engajada de todos os membros da comunidade.

Os resultados da oficina participativa revelam a importância dos critérios "quantidade no território" e "risco de dano à planta na coleta" na definição de estratégias voltadas para a conservação biocultural. A ênfase especial concedida à "imburana de cheiro" e ao "ouricurizeiro" como espécies prioritárias elucidam a conexão cultural e terapêutica que essas plantas mantêm com a comunidade Tingui-Botó.

Nos diálogos sobre territórios medicinais dos Tingui-Botó afirmou a compreensão que o cuidado para os Tingui é o cuidar da terra, das plantas, das vidas que habitam a aldeia. É trazer restauração e produzir refúgio para natureza sagrada, fazendo de uma terra que antes era pasto, mata e com ela suas ciências que curam e zelam pelas vidas de quem nela faz sua morada. As categorias temáticas sistematizadas na roda de conversa e nas práticas dos desenhos apontam para um povo que entende seu território como medicinal, suas

histórias e narrativas como experiência sagrada e seu modo de vida como capaz de afirmar ciclos de vidas que não se findam, mas sempre se afirmam na presença do novo que se encontra com o ancestral .

As informações compiladas neste relatório constituem uma base para a elaboração e implementação de ações direcionadas à conservação biocultural. Nesse sentido, uma primeira iniciativa já foi empreendida, consistindo na realização de uma roda de conversa dedicada à "imburana-de-cheiro". Além disso, houve a doação de sementes dessa espécie e de recipientes para a produção de mudas no próprio território. Paralelamente, está sendo iniciado o processo de produção de mudas da "imburana-de-cheiro" nas instalações do Campus de Engenharias e Ciências Agrárias da UFAL, as quais serão destinadas à comunidade Tingui-Botó.